

Nelson Rodrigues: a objetividade e o estereótipo nos anos 60¹

Marina Urbieta BARBOSA²
Francisco Paoliello PIMENTA³
Iluska Maria da Silva COUTINHO⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O artigo analisa três crônicas de Nelson Rodrigues: A Flor da Obsessão, A Viúva Inconsolável e a Feia Nudez, escritas na década de 1960, para refletir sobre temáticas que permanecem em destaque, e debate, atualmente: a objetividade jornalística e a imagem da mulher construída na imprensa. O objetivo não é retratar toda a trajetória de Rodrigues como escritor, jornalista e dramaturgo, nem enquadrá-lo em um único modelo jornalístico, mas fazer um recorte de sua produção em um momento em que o mundo vivia grandes mudanças, e também o jornalismo brasileiro, com reflexos no próprio estilo de Nelson. A análise busca, a partir desse contexto, compreender em que medida a não presença da objetividade jornalística contribui para a construção de estereótipos da mulher nas suas crônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Rodrigues; objetividade; estereótipo; crônica.

Introdução

Nelson Rodrigues viveu no século XX e é considerado o maior dramaturgo nacional, escrevendo peças como Dorotéia, Vestida de Noiva e Valsa nº6. Escreveu, também, em jornais da época como Última hora e A Manhã, crônicas e reportagens policiais, mas nunca relatava de forma fiel à realidade os acontecimentos. Nelson Rodrigues conciliava a vida de jornalista e de dramaturgo. Mas sua primeira profissão foi a de jornalista quando, aos 13 anos, trabalhou no jornal A Manhã que pertencia a seu pai Mário Rodrigues. Escrevia reportagens de atropelamentos e assaltos, sempre do jeito mais exagerado possível. Ninguém questionava até o modelo jornalístico sofrer certas mudanças. A industrialização da imprensa no Brasil ocorreu tardiamente comparado a outros países, mas alguns jornais brasileiros já começaram, antes de 1970, a utilizar o lead e a pirâmide invertida, modelo de impresso norte americano, nas produções feitas nas redações, como o Jornal Carioca em 1950.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 4º Período do Curso Jornalismo da UFJF, mari.urbieta@hotmail.com.

³ Orientador e professor da Faculdade de Comunicação da UFJF – paoliello@acessa.com.

⁴ Doutora e professora em Comunicação e co-orientadora do artigo – iluska.c@ globo.com

Nos anos 60, a maioria das produções jornalística se reinventou e passou a seguir a tendência norte americana, buscando matérias técnico-científicas e objetivas onde surge os chamados *copy desk*⁵ das redações. Nelson Rodrigues no Diário Carioca chegou a escrever críticas no modelo de narrativa objetiva, mas para Nelson eles eram os “idiotas da objetividade” e continuou escrevendo em cima do sensacionalista “baseado no modelo francês, privilegiava a análise e o comentário, e não a informação.”(COSTA 2005,p.41). Apesar das mudanças nas redações, Nelson consegue um espaço reservado nos jornais, e começa um novo estilo: crônicas ficcionais atreladas à temas políticos, como os protestos esquerdistas e feministas, aos quais se mostrou contrário.

É nesse contexto social que se inserem as crônicas tomadas como objeto de análise. Um procedimento metodológico inicial para o estudo empírico foi a seleção de três crônicas que falavam sobre mulher: “Flor de Obsessão”, “A Feia Nudez” e “Viúva Inconsolável”. As duas primeiras foram retiradas de um compilado de crônicas chamado “Confissões” posteriormente divididos em três volumes: “A Cabra Vadia”, “Óbvio Ululante” e “O Reacionário” e que foram publicadas no jornal O Globo. E a última, uma crônica do livro “As Cem Melhores Crônicas Brasileiras”.

A intenção da pesquisa é saber se a recusa do autor à curvar-se aos moldes do jornalismo norte-americano de jornalismo, no qual defendia-se a objetividade de uma narrativa composta pelo lead e pela pirâmide invertida, nos textos de Nelson é um dos motivos que o levaram a criar estereótipos feminino. Nesse artigo assume-se como estereótipo feminino, segundo Pereira (2002, p. 52), “a imagem social sobre indivíduos que pertençam a um grupo de modo generalizado; seriam ‘elementos inerentes à própria sociedade, amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura’, e essas crenças, além de compartilhadas, seriam transmitidas e reforçadas pela educação.” O artigo não se propõe a julgar o autor, mas analisar suas produções através de um olhar da contemporaneidade, em um momento que os debates sobre o gênero feminino, e a violência contra a mulher (inclusive a cultura do estupro⁶), estão em voga.

Tem-se como hipótese o fato de que Nelson Rodrigues, ao fugir da “objetividade jornalística”, utilizando-se de variáveis opinativas como a adjetivação, o humor/ironia,

⁵ Revisão textual que se preocupa não só a com a ortografia e gramática, mas com a clareza e a estruturação das ideias.

⁶ Por exemplo, o caso da menina, menor de idade, que foi vítima de um estupro coletivo no Rio de Janeiro em maio deste ano.

primeira pessoa e do coloquialismo para falar da mulher, contribui para aumentar o estereótipo feminino.

Para isso o artigo toma como variáveis o uso de adjetivação, de coloquialismo, de primeira pessoa e do humor/ironia, fatores de um texto opinativo, e avalia de que forma elas foram usadas para contribuir com o estereótipo feminino. Seguida dessas variáveis, o teste empírico fez perceber se as crônicas tinham-nas e se a hipótese era válida. E por fim, a conclusão foi um compilado de pensamentos que ocorreram durante todo o processo de pesquisa.

Para analisar o estereótipo da mulher na crônica, utilizamos como suporte teórico e conceitual autores como José Marques de Melo, sobre gênero opinativo brasileiro, Cristiane Costa, sobre as crônicas de Nelson e sua vida profissional e Érica Neiva, sobre a crônica no jornal impresso. Para falar sobre estereótipo feminino as análises feitas foram de estudiosos como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Marcos Emanuel Pereira, pois as primeiras falam da mulher na sociedade, do seu papel em relação ao homem, do aparato histórico que essa construção se dá e o último, sobre a psicologia social do estereótipo. Para aprofundar o conhecimento acerca das características narrativas do próprio Nelson Rodrigues, lançamos mão de artigos de João Barreto Fonseca, sobre a objetividade do autor que classifica como reacionário, e do crítico teatral Sábato Magaldi, este com contribuições sobre análises de peças e textos de Nelson Rodrigues.

CRÔNICA

A etimologia da palavra crônica vem "Do grego Chronikós, relativo a tempo (chrónos), pelo latim chronica, [...] designava, no início da era cristã" (MOISÉS 1978, p. 245). A crônica é considerada um estilo de difícil definição. Nela pode-se utilizar das funções de linguagem como a metalinguagem e poética, do discurso direto, ou indireto, e, ainda, referir-se à notícias factuais.

A crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. [...] a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva [...] Mas a crônica também é considerada um gênero literário. Vários cronistas tiveram sua produção reunida sob forma de livro, atravessando o tempo, continuando a despertar o fascínio dos leitores.(MELO 1985, p. 160)

A crônica, ou, como também é chamada por alguns escritores de "Gênero Menor"(COSTA 2005,p.249), retrata temas da atualidade. Assemelha-se ao texto jornalístico pelos seus

assuntos efêmeros, por tanto, algumas matérias podem se tornar obsoletas frequentemente. Porém esse gênero não é propriamente um texto jornalístico, pois carrega, também, características da narrativa literária, ou seja, está “sempre oscilando entre a imaginação e a realidade [...] língua culta e coloquial.”

As crônicas podem ser analisadas tanto como um gênero literário quanto jornalístico. E mesmo que ela seja construída por uma base opinativa, ou seja, sem se valer de critérios da objetividade, existe uma série de pressuposto na relação com o leitor, que espera ser informado. Por tanto, esses são os pressupostos da análise desse artigo.

Para Nelson Rodrigues, o mais importante na crônica era a liberdade linguística proporcionada pela crônica. O escritor fazia uso frequente de adjetivos e de exclamações, por exemplo. Como explica Sábato Magaldi, tudo que era passado a Nelson, fosse um acidente de carro ou fosse um atropelamento, ele tinha a capacidade de distorcer todo o fato, tornando-o mais atrativo.

Nelson Rodrigues, em suas obras, acentua os limites da narrativa jornalística diante dos acontecimentos “objetivos”. Mas os fatos surgem como ossatura estrutural, um ready made vibrante das histórias folhetinescas, pois é necessário que todos esses pequenos acontecimentos, apesar de sua frequência e monotonia, surjam como singulares, cujas tragicidades soam universais. (BARRETO 2003, p.6)

Sempre foi assim, mesmo com as mudanças em 1960. Nelson Rodrigues acreditava que o surgimento dos copidesquis massificava o modo de escrever do jornalista, com apenas uma maneira de escrever a reportagem, e o pensamento da população, lendo as matérias todas iguais. Aproveita da liberdade da crônica como um gênero linguístico, ele passa a criticar abertamente a padronização e a falta de imaginação nas próprias produções das matérias jornalísticas. A partir das suas crônicas de “Confissões” o autor faz um desabafo“(...) Cada qual assume a forma impessoal, numerosa e irresponsável da assembleia, do comício, do manifesto, da passeata e da unanimidade. Só agimos, só sentimos, só amamos em massa. Sim, estamos todos massificados” (Rodrigues 2001,p.163).

CONTEXTO DA DÉCADA DE 60

A escolha das crônicas, da década de 60 para o artigo foi pensando no momento de grande mudanças ideológicas e de protestos mundiais no qual as pessoas lutavam por liberdade de expressão, na ditadura, e por direitos, para mulheres por exemplo. E Nelson então “travou um persistente combate intelectual contra os mais diversos setores progressistas e liberais

da sociedade que defendiam desde a revolução socialista até a transformação dos hábitos sexuais.” (COSTA 2006, p.9).

Além do desafio de Nelson com o momento progressista da época, outro contexto que situa os anos 60 foi a mudança do jornalismo brasileiro. Vigente no Brasil até meados da década de 50, o modelo francês se baseava no sensacionalismo, e é trocado por um estilo norte americano inculcado de objetividade jornalística. “Desse novo jornalismo surgiu os chamados ‘copidesque’, isto é, jornalistas que seguiam a regra do novo modelo, utilizando-se o lide e a pirâmide invertida. Nelson em sua primeira crônica “Confissões”, por tanto, os chama de “idiotas da objetividade”

Sou da imprensa anterior ao copy desk. Tinha treze anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: — era uma cova de delícias[...] Sim, o copy desk instalou-se como a figura demoníaca da redação. [...]E toda a imprensa passou a usar a palavra “objetividade” como um simples brinquedo auditivo. A crônica esportiva via times e jogadores eram condenados por falta de objetividade. (RODRIGUES 1997, p.51).

Nesse contexto partimos para a análise das crônicas e perceber nas três a presença do estereótipo feminino e a falta de objetividade. Será que essa falta de objetividade jornalística contribuiu para que ele desse tais características às mulheres?

As três crônicas

‘Flor de Obsessão’ e a “A Feia Nudez” fazem parte do compilado de crônicas ‘Confissões’ ‘No dia 4 de Dezembro de 1967 Nelson Rodrigues iniciava as suas “Confissões”, coluna de crônicas de costumes que escreveu diariamente em “O Globo” até 1980. ’(COSTA 2006, p.9) E a terceira crônica “ Viúva Inconsolável”, do livro “As Cem Melhores Crônicas Brasileiras”. Todas foram publicadas em na década de 60, período que Nelson confessa ser um reacionário, e por tanto, trata, explicitamente, sobre suas opiniões contrárias ao movimento progressista da época. “Ocorre, então, uma abrupta transformação na imagem pública de Nelson Rodrigues: a metamorfose do personagem “autor teatral maldito e obscuro” das décadas de 1940/50, para o “cronista reacionário” do período de 1960/70.” (COSTA 2006, p10).

A “Flor de Obsessão” é um texto, não muito grande, se comparado aos outros gêneros escrito por ele como suas peças e suas reportagens. Essa crônica é escrita em resposta à leitora que lhe enviou uma carta falando sobre a morbidez do umbigo feminino, isto é, à nudez da mulher em frente às câmeras da televisão por exemplo. Na outra crônica, “A Feia

Nudez” ele compara 1929, chamada de melindrosa, com os anos 60. Situado no ano de 1968, ele repara nas mudanças que ocorreram com seus companheiros, como, também, às mulheres. E em a “Viúva Inconsolável” retrata uma mulher que perdeu o marido muito cedo. De luto, por causa da perda, ela abandona a família e os filhos para chorar a morte do esposo todos os dias no cemitério. E possui um final clássico: depois de um ano se dedicando ao falecido, descobre que era traída e por isso se atira no primeiro homem a sua frente.

Características opinativas

A crônica possui uma estética textual diferente dos demais gêneros pois ela, ao mesmo tempo, pode ser composta por travessões como por adjetivos. A primeira é uma característica de texto jornalístico e a segunda, literário. Contribui, assim, para que ela seja chamada de um gênero ambíguo e tenha diversas definições. Além de texto literário e jornalístico ela pode ser opinativa. “Gêneros opinativos emerge de quatro núcleos [...] A opinião do jornalista entendido [...] sob a forma de comentário, resenha, coluna, cônica ...” (MELO 1985, p.102) Por tanto, nas crônicas, as variáveis escolhidas de forma a justificar um texto ser opinativo, foram o uso de adjetivos, no título e no corpo do texto, de identificação personagem do fato narrado, de humor/ironia, de coloquialismo e de primeira pessoa. Então, a partir daí, verificamos se essas construções contribuíram para o estereótipo feminino nos seus textos.

Adjetivos

Primeiramente a adjetivação. Para Nelson Rodrigues o texto “sem o adjetivo, significava que o jornalismo estava sendo ‘castrado emocionalmente’. Ele mesmo acreditava que o adjetivo era a sua “tara estilística” (COSTA 2005, p.128). Duas das três crônicas possuem adjetivos em seus títulos: “Inconsolável” e “Feia”, que se refere à “Viúva Inconsolável” e à “A Feia Nudez”, respectivamente. Entretanto, o título “Flor de Obsessão” é composto por substantivos femininos e, além do mais, “Obsessão” se refere à uma característica do próprio autor masculino, Nelson Rodrigues. “De vez em quando, alguém me chama de “flor de obsessão”. Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos.’(RODRIGUES 1997, p.70)

Contudo no texto “Flor de Obsessão” é possível perceber o uso recorrente de adjetivos para se referir, por exemplo, a leitora, caracterizando-a como irritada e irada: “*Na sua irritação, ela continua [...] A minha leitora, que assume a irada defesa da embaixatriz, também é outro nu arrependido.*”. Em alguns momentos ele faz elogios, ao se referir a embaixatriz, por exemplo: “Uma lindíssima senhora, e, se não me engano, embaixatriz, foi fotografada, televisada de sarongue.”

Em seguida, na crônica “A Feia Nudez”, Nelson também faz uso excessivo dos adjetivos, referindo-se as mulheres dos anos 30 e 60, como aos seus amigos citados como Otto Lara Rezende e Luís Eduardo Borgerth. Quando ele compara as mulheres de 1929 e as de 68, sempre é por meio de adjetivações como essas:

E, de fato, não há mulher mais antiga, mais fenecida, do que a melindrosa de 1929. [...] Vejam as mais belas mulheres e as mais amadas do tempo. Olhavam e sorriam como débeis mentais. Aí está dito tudo: débeis mentais. E só admira que alguém as suportasse, ou pior, que alguém as desejasse. [...] Mesmo as mais degradadas preservavam um mínimo de pudor. E eis que, de repente, em nossos dias, há todo um movimento regressivo. Aí está o biquíni. (RODRIGUES 1997, p.18)

A predominância de adjetivos ocorre em “A Viúva Inconsolável”. Mora, a viúva que perdera o marido recentemente, é caracterizada pelo pai e pelos amigos, que convivem com ela, de louca, desvairada e alucinada.

E ela, no seu desvario de viúva: -Até mais? - de mãos postas, balbuciou: - Então, quero mais [...] E quando foi ver, no necrotério, o corpo do marido atropelado e morto na Presidente Vargas, fartava-se de repetir, na sua alucinação: "Duvido que tenha havido um marido melhor que o meu, duvido! [...]"Parentes de um lado e de outro ponderaram, em voz baixa. "Ninguém precisa saber!" Ela desprendeuse, num repelão de louca: "Precisa, sim! Precisa! (SANTOS 2007, p.179)

Durante todo enterro, missa e por um ano ela é caracterizada pejorativamente. Há apenas um momento em que seu pai a enxerga com bons olhos: “[...] Dr. Novais parecia envaidecido do comportamento de Mora. Dizia a um e outro: - Isso não é doença, não. É amor no duro. Amor eterno.” (SANTOS 2007, p.182)

Humor/ironia (desfechos inimagináveis)

Outra característica predominante na crônica é o uso do humor e da ironia. "(...) tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de meandros sutis de nossa realidade (...)" (ARRIGUCCI 1987, p. 53). Para Luis Beltrão, no próprio livro de Melo, a crônica possui seis formas de ser categorizada e uma delas é a “crônica satírico-humorística – seu objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens; busca entreter,

assumindo feição caricatural” (MELO 1985, p.157). O que mais se observa nos textos de Nelson Rodrigues é o uso de humor, acima, principalmente, do próprio fato narrado e independente quem seja o alvo. ‘Para Nelson Rodrigues “a grande dor não só não se assoa, como é humorística”. A partir dessa convicção, que chega a virar método, o escritor sorri largo e farto ao grotesco.’ (BARRETO 2003, p.4).

Na crônica a “FLOR DE OBSESSÃO” percebe-se ironia/humor em dois momentos: no início do texto, “Isso é mórbido ou o senhor não desconfia que isso é mórbido?”. Corretíssima a observação. Realmente, jamais neguei a cota de morbidez que Deus me deu.”, e ao final com o desfecho inesperado, “O biquíni vai comprar grapete e o crioulo da carrocinha tem o maior tédio visual pela plástica nada misteriosa. E aí começa a expiação da nudez sem amor: — a inconsolável solidão da mulher”.

O humor/ironia é visto também na crônica “Viúva Inconsolável” que chega ao ridículo, e inimaginável “E, um dia, foi pior: surpreendeu a filha conversando com os sapatos do Campelo. Com um máximo de tato, o velho quis chamá-la à ordem”. O uso desse recursos também é feito para conseguir compor o tão desejado desfecho surpreendente de Nelson Rodrigues no qual Sábado reitera que ele sempre quis ser o dramaturgo que conseguia, na tentativa de inovar os folhetins da época, trazer desfechos inesperados, situações que fugissem da realidade. Além disso trazia falsas pistas, surpresas finais e suspenses.

Em pé, o coração disparado, Mora pensa na sua fidelidade de todos os minutos. Olha em torno; próximo estão fazendo um mausoléu. Um dos operários é um indivíduo forte e bronzeado, de braços nus e potentes. Fora de si, ela corre: tropeça aqui e ali, levanta-se e continua correndo. Está finalmente, diante do caboclo espantado. Na ponta dos pés, abraça-se a ele e, como louca, dá-lhe um tremendo beijo na boca. Depois, vingada e feliz, foge, sem olhar para trás. Nunca mais voltou ao cemitério (SANTOS 2007, p.183)

Coloquialismo

“A crônica, a partir de então [séc XX] incorporou com mais intensidade uma linguagem que se aproximava da fala coloquial dos brasileiros. Era uma maneira de falar das coisas simples do cotidiano de uma forma clara, entendível por todos” (NEIVA, 2005 p.1). Uma das característica do gênero opinativo, por tanto, também é o uso coloquial das palavras, e Nelson faz uso desse recurso linguístico nos seus textos. “O próprio dramaturgo [Nelson

Rodrigues] em seu discurso faz: 1) o uso da linguagem coloquial (gíria) – também observado em Shakespeare; [...]” (HIME 2012, p.8)

Em “A Feia Nudez” percebe-se a linguagem coloquial quando Nelson introduz as palavras ‘fulano’ e ‘beltrano’ para designar os anos 30 aos 60: “por um olhar, ou por um sorriso, pode-se dizer de uma certa dama: —Esta é do século Fulano, ou do século Beltrano”(RODRIGUES, 1997 p.18). E na crônica “A Viúva Inconsolável” Mora retruca Fernando quando ele diz que seu marido poderia ter lhe traído: “Nunca se sabe, uma ova! Eu sei! Ponho a minha mão no fogo! Ou tu achas que eu ia chorar essas lágrimas todas por um sujeito que me tivesse traído? -Não, senhora! Em absoluto!(SANTOS 2007, p.182)” Quando ela inicia a sua fala exclamando ‘uma ova’ percebe-se o uso da palavra cotidiana em um texto literário.

Primeira pessoa (comentário)

Nelson Rodrigues utiliza nas suas crônicas, contudo, outro gênero opinativo, o comentário. “Gêneros opinativos emerge de quatro núcleos [...] A opinião do jornalista entendido [...] sob a forma de comentário, resenha , coluna, cônica ...” (MELO 1985, p.102). Um dos aspectos comuns na crônica do Nelson são, justamente, os comentários que ele faz ao longo do texto. Considerando o comentário, como gênero opinativo, é carregado de primeira pessoa, podemos concluir, ela é uma característica do texto de opinião. Por tanto esse é um recurso textual estético que também pode ser analisado. E dentro da crônica de Nelson em a “Flor de Obsessão” o autor rebate em primeira pessoa

Só os imbecis não as têm (obsessão). Não sei por que estou dizendo isto. [...]Eis o que me pergunto: — queriam o quê? Que as câmaras e os microfones vestissem os nus, calafetassem os umbigos, enfiassem espartilhos nos quadris? [...] Ah, já sei. É o seguinte: — recebo a carta de uma leitora. Leio e releio e sinto a irritação feminina.(RODRIGUES 1997, p.60)

E na “Feia Nudez” percebe-se a primeira pessoa em alguns trechos:

E começamos a época da nudez sem amor, do nu de graça e, repito, sem o pretexto do amor. A nudez exclusiva para o ser amado deixou de existir. Todas se despem, para o ser amado e para outros, inclusive o crioulinho do Grapete.(RODRIGUES 1997, p.73)

Conclusão

De certo a industrialização da imprensa, que se tratava em mudar o modelo francês pelo americano adotando a estrutura de lead e pirâmide invertida, ocorreu tardiamente no Brasil, por volta de 1970. Contudo, o jornal Diário Carioca, em 1950, utilizou-se de características

objetivas em sua redação e Nelson, que trabalhava no diário, chegou a escrever críticas ao modelo de narrativa objetiva. Por tanto, o intuito do artigo não é enquadrá-lo em um formato apenas, mas perceber as contribuições de suas crônicas diante à mudança do modelo jornalístico que ocorria nas redações na época, e que hoje ainda é utilizado hegemonicamente pela imprensa. Então, a partir das análises dos seus texto, considerados “não objetivos”, concluímos que as variáveis tem, em partes, influência na construção do estereótipo feminino.

O uso dos adjetivos é o que predomina, perante as outras variáveis. Percebemos que em “Flor de Obsessão” ele chama sua leitora de irritada e irada. Na crônica “A Feia Nudez” as mulheres são taxadas como débeis mentais. E em “A Viúva Inconsolável”, Mora é colocada como uma mulher louca e desvairada. E nos dois dos seus títulos, “A Viúva Inconsolável” e a “A Feia Nudez” a utilização dos adjetivos aumenta a imagem estereotipada da mulher. Ao caracterizá-las a partir de julgamentos negativos, ele as coloca em um posicionamento de inferioridade.

[...] a posição essencialista converte as diferenças em diferenças ontológicas, isto é, apresenta-as como constitutivas e essenciais. Sendo assim, a condição da inferior da mulher é julgada natural, inevitável, universal e imutável, e o controle masculino aparece como necessário e justo. (CARVALHO 2010, p.85)

Diferente da dos anos 60, hoje não é mais aceitável, vista que a inferioridade feminina é uma construção social. Os anos 60 foi ponto de partida para a mudanças de mentalidade e ideias a partir dos protestos feministas e libertários. A construção de pensamentos contrários aos atuais ainda eram conservadores e patriarcal. Para Judith essa é também uma construção histórica e antiga relacionada com a determinação biológica e social imutável que se atribui aos sexos.

O humor/ironia nos textos é visto em duas das três crônicas de Nelson Rodrigues: “Flor de Obsessão” e “A Viúva Inconsolável” principalmente nos desfechos da narrativa, o que faz grande diferença e acentua o estereótipo. Por exemplo, em “Flor de Obsessão” quando ele termina generalizando que o nu é a falta de amor consequência da “inconsolável solidão da mulher.” Entende-se por tanto que mulher quer se expor nua por causa da sua solidão. Naquela época, em que as mulheres tinham que ser mais discretas, esse comentário também deve ter sido espantoso. Justificar a nudez com a solidão, é o mesmo que dizer que era pela falta de homem que elas se despiam. Simone de Beauvoir entende que, naquela época, a mulher devia ser ensinada para pensar no casamento, no amor e na família, como é visto no

monólogo escrito pela feminista “Monique resiste à independência e teme a liberdade que ameaça fazer desmoronar o sistema que atrela fazer a mediação do marido e a obstinação do amor, pois esta é toda a responsabilidade que aprendera a assumir ao longo de sua vida” (NEVES 2013, p.84) O mesmo argumento pode ser usado sobre o desfecho que ocorre em “Viúva Inconsolável” que ao perder o marido se sente ainda submissa a ele.

Enquanto o adjetivo e o humor/ironia contribui para a caracterização negativa da mulher, o estereótipo não é acentuado com o uso do coloquialismo. A última variável estudada foi o uso da primeira pessoa e primeiramente como o texto “A Viúva Inconsolável” é uma história, ela não possui interferências diretas do autor. Já na “Flor de Obsessão” e em “A Feia Nudez” você percebe alguns momentos o autor utilizando-se de primeira pessoa para fazer os seus próprios comentários. As opiniões expressadas são do próprio autor, e quando ele retrata a mulher é para expressar o nu de graça e a irritação feminina,

Concluimos, com base nas 4 variáveis analisadas, adjetivos, coloquialismo, primeira pessoa e humor/ironia, que algumas delas influenciam o estereótipo nos textos de Nelson Rodrigues: “A Viúva Inconsolável”, “A Feia Nudez” e “Flor de Obsessão”. O coloquialismo é o que menos contribui, seguido da primeira pessoa. Mas o adjetivo e o humor/ironia podem favorecer. O aprendizado de Beauvoir faz refletir a análise “somente se tornando consciente, a mulher vai conseguir se livrar da condição de objeto”.(NEVES 2013, p. 94).

Referências

_____. RODRIGUES, Nelson A. *Cabra vadia..* São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ARRIGUCCI, Davi Jr. Fragmentos sobre crônica. In: *Enigma e comentário - ensaios sobre literatura e experiência.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MELO, José Marques de. *A Expressão Opinitiva.* Editora Vozes, 1985 p 101-191.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**, v. 2: a experiência vivida. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. **A crítica de Judith Butler às normas que governam gênero e sexualidade.** Rio de Janeiro, v.17, n2, p.81 - 92, ETHICA,2010.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel – escritores jornalistas no brasil 1904/ 2004.** 1ª ed. Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Tiago Leite. *Confissões/Ficções de Nelson Rodrigues*. PUC – Rio, 2007.

FONSECA, João Barreto de, RANGEL, Vanessa Maia Barbosa de Paiva. *Objetividade: a apuração ou uma fonte que jorra fábulas*. 2003. Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003

FONSECA, João Barreto. *Nelson Rodrigues e a imprensa como atriz de uma peça pulsantes de cotidianidade*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **Nelson Rodrigues por Sabato Magaldi: um embate de gigantes para estudar a crítica jornalística**.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária - Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1978.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A crônica no jornal impresso brasileiro**. Revista Pj:Br Jornalismo Brasileir, 2005.

NEVES, Teresa. **O mal da ilusão: "A mulher desiludida" e o feminismo de Simone de Beauvoir**. 1 ed. livro: Bartlebee, 2013.p77-97.

PEREIRA, M. E. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos, **As Cem Melhores Crônicas Brasileiras**. Objetiva, 2007.

Artigos online:

Acesso disponível em < http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10593/10593_2.PDF >

<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sabato-magaldi-testemunha-critica-do-teatro-brasileiro,10732,0.htm>

ROSA, Márcia Eliane. **A objetividade e subjetividade jornalística: elementos condutores na produção do jornalismo impresso**. Acesso disponível em < <http://fnpj.org.br/soac2/index.php/15enpj/15enpj/paper/viewFile/53/35> >